

COMER E SER COMIDA: CORPO, GASTRONOMIA E EROTISMO

Fabiano Dalla Bona

RESUMO: O presente artigo indaga a erotização do corpo e suas relações com a comida no romance *Lassaggiatrice* da escritora siciliana Giuseppina Torregrossa. No calor das tardes de agosto sicilianas, Anciluzza, uma dedicada esposa abandonada pelo marido, recria a sua vida e prepara iguarias convidativas que matam a fome dos clientes de sua loja de lembranças e iguarias típicas. Como comerciante, e como pessoa, aprende muito da vida deles e repensa a sua. É uma narrativa de histórias com um fundo trágico, permeadas de abandono e solidão, mas com leveza e sensibilidade. A mulher redescobre também o seu corpo e logo torna-se a vizinha que qualquer um, homens ou mulheres, gostariam de ter. E não só a vizinha, mas também a amante. Ela prepara para seus “clientes” uma sucessão de pratos típicos sicilianos com amor e dedicação, não economizando na sua oferta, como também na oferta de seu próprio corpo. A comida deixa de ser apenas um meio de sustento, mas se torna, ao lado do corpo, a fonte da própria vida.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; erotismo; gastronomia; literatura siciliana.

ABSTRACT: *This paper investigates the erotization of the body and its relationship with food in the novel Lassaggiatrice by Sicilian writer Giuseppina Torregrossa. In the heat of a Sicilian summer, Anciluzza, a devoted wife abandoned by her husband, rebuilds her life and prepares inviting delicacies that satiate the hunger of the costumers who visited her souvenirs and typical delicacies shop. As a business woman and as a person, she learns a lot from their lives and thinks over her own. It's a story with a tragic background, permeated with abandonment and loneliness, but also with lightness and sensitivity. The woman also rediscovers her body, and soon becomes the neighbor that anyone, male or female, would like to have. And not only the neighbor but also a mistress. She prepares for her “clients” a succession of typical Sicilian dishes with love and dedication, offered with the same abundance with which she offers her body. The food is no longer just a means of earning money, but becomes, next to the body, the source of life itself.*

KEYWORDS: body; eroticism; gastronomy; Sicilian literature.

Não acredito em comidas afrodisíacas. O verdadeiro afrodisíaco é o fogo com que a comida é feita. E esse fogo mágico só se encontra dentro do corpo de quem cozinha e de quem come.

ALVES & BAUER, 2005, p. 53

Gaetano, o marido, desaparece misteriosamente. Anciluzza, a mulher, permanece na cidade, com a casa nas costas e com duas filhas para criar. Como sobreviver ao abandono de um marido de comportamento muito frio na vida e na cama? De madura dona de casa com diploma universitário, Anciluzza se transforma em comerciante para sobreviver, abrindo uma loja de produtos típicos sicilianos. Nos

fundos da sua loja, a mulher prepara especialidades doces e salgadas da cozinha daquela região da Itália, e ama, talvez pela primeira vez em sua vida, experimentando diversas modalidades de amor. A loja de Anciluzza acolhe turistas em busca de lembranças, mas acolhe também corpos que buscam ser saciados em todos os sentidos. Assim, a apaixonada comerciante, em frente e atrás do seu balcão, encontra o gosto, o prazer do amor alegre e fugaz. Uma história agridoce, para defini-la com termos gastronômicos. É, também, um relato de emancipação feminina que através do eros e da cozinha, em todas as suas nuances, encontra uma maneira de se expressar e de viver. Eis um breve resumo da obra *L'assaggiatrice* da escritora, ginecologista e obstetra siciliana Giuseppina Torregrossa, nas livrarias da Itália desde março de 2010.

Assaggiatrice, em italiano, traduzir-se-ia por experimentadora, degustadora, vocábulo derivado do verbo *assaggiare* com a acepção de degustar, saborear, provar pequenas quantidades de alimentos ou bebidas. Anciluzza entrega-se aos prazeres da cama e da mesa. Cozinhar e fazer sexo, para ela, tornam-se atividades inseparáveis, fundem-se. A palavra, desde o título, é recorrente no discurso de Giuseppina Torregrossa. E a protagonista, literalmente, experimenta sensações e diferentes vivências amorosas ao longo do romance. Experiências e experimentações na cozinha e no sexo. Se, por um lado, ela cultiva a tradição na cozinha, o mesmo não faz em relação ao sexo.

Em geral, distingue-se a necessidade da alimentação e o prazer obtido com ela como conceitos bem distintos; a necessidade estaria relacionada à ingestão de alimentos, e o prazer às sensações que, supostamente, são originadas nas papilas gustativas, e que, de certa forma, funcionariam assim como zonas erógenas.

Comida, prazer e sexualidade: as ligações são mais vinculantes do que se possa acreditar. No curso evolutivo do homem, a alimentação certamente condicionou o desenvolvimento do corpo humano, e em especial do cérebro, que por sua vez modificou, progressivamente, o comportamento alimentar, determinando uma acirrada concatenação de relações de causa e efeito que, juntas, influenciaram o comportamento sexual e outras tantas funções.

Portanto, a alimentação exercita um forte impacto sexual sobre o corpo e sobre a mente, e vice-versa, em que um papel fundamental é exercido pelo prazer, o qual utiliza os mesmos circuitos cerebrais do prazer sexual e das emoções artísticas. A evolução humana acabou por determinar a necessidade do homem de se relacionar com o outro à sua capacidade de procurar um sentido nas coisas, de se surpreender e de se emocionar, assim como a evolução alimentar passou do alimento cru à gastronomia, parafraseando Lévi-Strauss.

Novamente, evocamos o trinômio comida, prazer e sexualidade. Os seres humanos sabem apreciar o belo nas artes e são capazes de criar coisas que em si não seriam nem úteis nem determinantes em termos de comida e de sexo. Mas a evolução transformou o sexo de simples ato mecânico em experiência prolongada e prazerosa, da mesma forma que a alimentação evoluiu de simples ato restaurador de forças, em sua mera função nutritiva, à gastronomia, característica exclusivamente humana. Pois como dizia Brillat-Savarin, “os animais se repastam; o homem come; somente o homem de espírito sabe comer” (BRILLAT-SAVARIN, 1999, p. 15).

À gastronomia, ou culinária se assim preferirmos, é atribuído o poder de produzir aquele efeito sem retorno sobre a receptividade dos sentidos, tal como aparece, por exemplo, no filme *A festa de Babete*: ali, a experiência gustativa de uma refeição especial modifica completamente a vida dos sujeitos. Aqui também as refeições de Anciluzza e de seus amantes vão ganhando o sentido de certa posse, um encantamento que recai sobre eles. O encantamento é uma “viagem” pelo circuito da oralidade, pelo circuito do prazer gustativo.

Ignora-se há quanto tempo os códigos sociais, consuetudinários, imponham uma ingestão comum de comida e bebida como prelúdio quase que obrigatório da cópula. Porém, é possível constatar que, no percurso da sedução, mesmo em tempos de modernidade líquida, na mais pura concepção de Bauman, continua a ser quase que impossível eliminar uma fase oral preliminar.

Após a revelação hormonal, o desejo tem necessidade de sair da sua muda solidão: é necessário que ele se declare. Ora, o desejo, geralmente, escolhe o momento de declarar-se frente a um copo ou um prato, alimentos líquidos ou sólidos que, por sua vez, também são produtos de uma metamorfose. Pode-se pensar, então, que falar aproximando aos lábios ou à língua uma comida ou uma bebida, seria suficiente para que o desejo procure degustar, antes mesmo do primeiro beijo, um pouco do sexo do outro. É como fazem Anciluzza e Hamed, enquanto a mulher está preparando a *pignocata*, num dia de muito calor, na pequena cozinha de sua loja:

“De manhã cedo, enquanto eu ainda estava na cama, pensei muito em você e parece que você tenha quase que ouvido o meu chamado”, digo-lhe. Faço uma pausa para ver como reage. Pode ser que se chateie em falar, vá-se embora e me deixe chupando o dedo? O certo é que uma vez tomada a estrada, depois é difícil voltar atrás. Por isso continuo e corro o risco de desapontá-lo. “Hamed esse amor que fazemos, como os animais, muito me agrada, mas não pode durar assim para sempre. Quero ouvir o som da sua voz, quero saber quem é você, de onde você vem, do que você gosta, dos seus sonhos, das suas ilusões; e se eu não conseguir, este moscatel fará você se liberar”. [...] Sobrou um pouco de mel, Hamed espalha-o em seus lábios e depois se aproxima e

me beija. [...] Em poucos segundos os pensamentos mais ingênuos inundam a minha mente e lutam com os meus desejos mais ferozes. (TORREGROSSA, 2010, p. 78-79)¹

Erotismo e sedução não necessariamente caminham juntos. A sedução é da ordem do não corporal e o erotismo é da ordem do corporal, o que faz da sedução uma dinâmica constitutiva do simbólico, e do erotismo um conjunto de elementos de linguagem. Para Baudrillard a sedução é um jogo da ordem do ritual; o sexo é uma função da ordem do material. A sedução é constitutiva do simbólico e o erotismo uma decorrência dele. A sedução não é da ordem da comunicação, portanto, e sim da ordem da afetividade, dos atrativos emotivos, que afetam os corpos nas suas relações existenciais (BAUDRILLARD, 1992, p. 27).

No decorrer das preliminares, a palavra não cessa de interpor-se entre os dois corpos empenhados em comer e beber. A linguagem funciona como um afrodisíaco, na tentativa de rivalizar com o álcool (eles bebem *Passito di Pantelleria*, vinho doce com alto teor alcoólico) que aquece as mucosas. Palavras que inebriam, palavras que embriagam. Bataille ao falar sobre a linguagem referindo-se à obra de Sade, afirma que “a linguagem funda a punição, mas apenas a linguagem contesta o bem fundado” (BATAILLE, 2004, p. 298). Uma cópula alimentar e linguística na qual se antecipa, à distância, a fusão das carnes. Um lugar em que se exorciza o perigo do apetite sexual, em que a bebida auxilia a palavra, e a palavra prepara o sexo.

Tenho uma verdadeira necessidade física de ouvi-lo falar. Sussurro em sua boca: “Diga-me aquilo que quer, diga-me com as suas palavras. Eu sei disso, vejo o desejo nos seus olhos, percebo-o nas suas mãos apoiadas na minha barriga. Mas lhe suplico, faça-me ouvir o som de sua voz, conte-me o mistério da sua vida, da sua terra”. [...] “Não há mistério, você é bonita e sinto um desejo por você que me faz mal ao coração, mas lhe falo de mim, se é aquilo que você quer”, a sua voz é uma corda que vibra, que me envolve, que me amarra, me freia, me controla. “Porém, depois vamos façamos amor, em silêncio, com o corpo, com os olhos, ou ainda falemos mais se você quiser, e a minha voz será um canto que abrirá seus olhos”. (TORREGROSSA, 2010, p. 79-80)

O ritual galante já foi iniciado e é necessário deixar o campo ambíguo e nebuloso da cordialidade e do afeto, livrando-se de possíveis remorsos. De fato, Anciluzza, a mulher abandonada pelo marido, inesperadamente descobre uma liberdade jamais sentida; mas, no fundo, através de suas próprias palavras, quando declara que “em certas ocasiões a minha mente é um obstáculo que se coloca entre mim e a felicidade” (TORREGROSSA, 2010, p. 79) ela vacila, mesmo que momentaneamente, pois lhe atormentam, as inquietudes que o desejo reprimido indubitavelmente suscita. A mulher se preocupa, também, com a visão que a sociedade

1 Todas as traduções são do autor.

siciliana tem das mulheres. Anciluzza tenta sufocar seus desejos. Em uma sociedade tradicional como aquela siciliana, há um duplo *standard* comportamental: as mulheres sempre foram condicionadas a reprimir seus desejos genitais e orais, enquanto os homens sempre foram estimulados a satisfazê-los livremente. Eis porque ela afirma que a sua mente é um obstáculo ao pensar na satisfação de seus desejos corporais.

A impressão coletiva sobre o corpo é explorada na noção de *habitus* descrita por Pierre Bourdieu. Ele explora as disposições duráveis, geradoras e organizadoras das práticas e das representações. Tais abordagens expressam o problema das relações entre indivíduo e sociedade, pensadas a partir da ponderação acerca da expressão corporal e das relações sociais. Como manifestação dos fenômenos sociais, o corpo demarca, ao mesmo tempo, dimensões coletivas e individualizadas da vida social (BOURDIEU, 1980, p. 88).

Uma demonstração da impressão coletiva sobre os corpos, criticamente, foi construída por Michel Foucault na sua *História da Sexualidade* (1999). Ao analisar a sexualidade e suas transformações na modernidade, Foucault aponta para o controle social sobre o corpo e para a sexualidade como formas de domínio de intervenção de instituições e políticas sociais. Sua análise revela que a expressão da subjetividade está, acima de tudo, submetida ao julgamento social. O autor explana que a experiência da sexualidade representa iniciação e socialização, e está fortemente norteadada pela coletividade, de forma a serem instituídos sistemas de controle da sexualidade dos indivíduos (FOUCAULT, 1999, p. 56).

Na obra, Foucault fala também do sutil mecanismo da confissão como estratégia de controle social sobre os indivíduos: assim, junto ao padre, o indivíduo confessa seus pecados; junto aos médicos, o indivíduo denuncia seus desejos mais íntimos e doenças e assim por diante. A confissão – num sentido amplo – passa a ser o meio de controle social, na medida em que provoca a expressão dos sentimentos dos indivíduos e, dessa forma, exercitando o controle social, daí os especialistas da “escuta” (FOUCAULT, 1999, p. 58-59). Anciluzza também quer ouvir Hamed, deseja seu corpo e sua confissão de amor para, quem sabe, controlar seu corpo: “Diga que me quer, diga com as suas palavras. Eu sei disso, vejo o desejo nos seus olhos, percebo nas suas mãos apoiadas na minha barriga. Mas lhe suplico, faça-me ouvir o som da sua voz, conte-me o mistério da sua vida, da sua terra” (TORREGROSSA, 2010, p. 79).

Marca indiscutível que liga à metamorfose dos alimentos e ao emergir da vida, sinal evidente de afinidades eletivas entre a palavra e o lugar onde ela acontece, entre a nascente da água e aquela do calor do fogo, a transformação dos víveres dá-se na cozinha. Mas por que o sexo, então, estaria ligado à cozinha? Por que o

desejo? Por que esse *ménage à trois*? A sensualidade aumenta ainda mais quando Anciluzza prepara a *caponata*, onde corpos e comida se misturam, originando aquele terceiro corpo:

Ritmadas as mãos movem-se pelo fogão, espremo as berinjelas, enxugo-as respirando profundamente, frito-as. Coloco tudo no molho, misturo por cinco minutos, em fogo baixo. Está pronta, mas falta a coisa mais importante: o agridoce. Não é fácil adivinhar a dose, não há quantidade que se possa definir correta, devo fazer de olho, ou melhor, de boca. Para não errar, me aproximo de Hamed, cheiro-o no pescoço, mas sei que se eu não experimentá-lo um pouco, pouquinho, não adivinharei e a *caponata* estará perdida. A cozinha está na penumbra, levanto a saia e me sento sobre ele, devagar lambo a sua boca e sinto aquele doce dos seus lábios, paro, ganho tempo, espero, ele entende e abre a boca. Logo estou com a língua dentro dela passando-a na frente e atrás daqueles dentes brancos que cheiram a sálvia. Sinto o acre da saliva dele, uma ponta de acidez, pronto. Retorno ao fogão e num copo de vinagre branco dissolvo uma colher cheia de açúcar, derramo-o na panela, depois coloco as amêndoas e o manjeriço. Está pronto. (TORREGROSSA, 2010, p. 59)

Na relação entre erotismo, corpo e gastronomia sob a ótica fenomenológica de Merleau-Ponty, nota-se que o corpo não é percebido somente como um objeto qualquer, mas existe em sua estrutura interna um mecanismo e uma zona conhecida como “esquema sexual”. Existe um esquema corporal sexual, no qual se encontram as zonas erógenas responsáveis pela fisionomia sexual que se expandem por meio dos movimentos e dos gestos do corpo que possibilitam falar da moral dos gestos carnis: “o corpo visual é submetido por um esquema sexual, estritamente individual, que acentua as zonas erógenas, desenha uma fisionomia sexual e reclama os gestos do corpo, ele mesmo integrado a essa totalidade afetiva” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 216). Daí poder-se falar da relação entre corpo, erotismo e gastronomia.

Verdier sustenta que um dos modos para se entender as relações entre sexualidade e alimentação seja o determinar os tipos de eufemismo usados por cada sociedade para descrever as relações sexuais; dentre eles, certamente, a metáfora alimentar goza de um posto privilegiado. Estamos, assim, na presença de um campo semântico onde ingredientes, técnicas de cozimento, modo de distribuição de alimentos, proibições e prescrições são elementos de um sistema comunicativo (VERDIER, 1969, p. 52-53). A questão da comida como sistema comunicativo será retomada mais adiante.

Eros e Gastronomia nos fazem pensar na interseção do corpo no espaço onde ocorrem as trocas simbólicas mais cotidianas entre homens e mulheres: a cozinha. Trata-se de um ambiente polissêmico em que o corpo é esboçado em novos sentidos, e no qual ele adquire e (re)significa a sua sintaxe. Local onde o duelo

masculino *versus* feminino, se intensifica e se desfaz em constantes trocas. Vapores são exalados dos corpos exatamente como ocorre com as panelas no fogo. Todavia, a presença de um corpo erotizado pelo discurso literário guarda uma trajetória que revela um corpo fragmentado e dilacerado. Esse corpo, ao falarmos do corpo feminino, está mergulhado em uma trajetória de opressões. Um corpo erotizado que está submetido a um sistema de vigilância que incluiu o discurso instituído e amplamente combatido desde a Idade Média, principalmente em sociedades tradicionais como aquela siciliana.

Ao tentar relacionar o gozo e as alegrias oferecidas pela prática do sexo, a religião acabou por atacar os desejos carnis dos quais o sexual, naquela visão, é o pior deles. E ainda mais: a religião condenou também as mulheres, como se elas fossem as culpadas pelo fato de serem desejadas e de se fazerem desejar pelos homens. Sobre isso Mary Del Priore afirma:

Sendo a mulher um agente de Satã, toda a sexualidade feminina podia prestar-se à feitiçaria. Seu corpo, ungado pelo mal, tornava-se o território de intenções malignas. Cada pequena parte seria representativa desse conjunto diabólico, noturno e obscuro. (PRIORE, 2006, p. 53)

Todavia, Anciluzza supera a sua crença religiosa, supera os valores da sociedade tradicional da qual faz parte e entrega-se ao prazer, ritualizando-o, tentando se eximir de qualquer espécie de culpa derivada de suas crenças. O sexo, mesmo que casual, fora da instituição do casamento, lhe traz felicidade e sentido de pertencimento ao mundo, valores que em seu casamento, infelizmente, não se verificaram. Como a personagem mesmo nos relata ao confessar:

A verdade é que nos últimos tempos o próprio Gaetano não me desejava, e um dia estava cansado, um dia tinha dor de cabeça, uma noite adormecia no sofá, enfim a cada duas ou três noites tinha uma desculpa para estar longe de mim. Ao bem da verdade nem eu mesma estava interessada mais nele, e depois, tê-lo ali na cama, por assim dizer, pronto para o uso, fazia desaparecer em mim qualquer tipo de fantasia. (TORREGROSSA, 2010, p. 27)

Georges Bataille defende que a relação entre a interdição e a transgressão, tidas como sensações e experiências religiosas, é o fundamento do erotismo. Na sua opinião,

A experiência interior do erotismo solicita daquele que a prova uma sensibilidade à angústia fundadora da interdição tão grande quanto o desejo que o leva a enfrentá-la. É a sensibilidade religiosa que liga, sempre estreitamente, o desejo e o pavor, o prazer intenso e a angústia. (BATAILLE, 2004, p. 59)

Bataille adianta que a experiência interior é dada no momento em que a consciência rasga-se a si mesma. Dessa manifestação, dessa superação, surge a consciência do erótico e do religioso.

Mas nas relações fora do casamento, Anciluzza tece um paralelo entre o êxtase religioso obtido pelas notas da música de Bach e pelos excessos obtidos pelos ingredientes da *caponata*. Ele emparelha, claramente, a culinária com a arte e a religião, tendo como denominador comum um certo efeito estético de êxtase “sagrado”.

No segundo encontro com Hamed, uma atmosfera sagrada se faz presente quando, ao ligar o rádio, a música de cunho sacro expandiu-se pela cozinha, como em um templo: “Finalmente é claro para mim que o sexo não pode ser um instrumento do diabo, como diz dom Antônio, mas uma das tantas vias que me conduzem ao todo do qual faço parte” (TORREGROSSA, 2010, p. 81).

Mas já o primeiro encontro de Anciluzza e Hamed deu-se naquele mesmo local, a cozinha, enquanto ela preparava a *caponata*, obra-prima da cozinha siciliana. Ela decidiu preparar o prato porque alguém na vizinhança da sua loja o estava preparando e o aroma suscitou-lhe o desejo. Todavia, sentiu-se acompanhada e ao olhar para a porta lá estava Hamed: “O homem tem dentes brancos e olhos escuros que estão me devorando, e eu também gostaria de experimentá-lo, como aquela *caponata* que tenho a intenção de preparar” (TORREGROSSA, 2010, p. 57). E enquanto ela prepara a comida e o jogo da sedução corre em paralelo, “o silêncio é aquele de uma catedral durante um rito solene. Sinto a sua respiração no pescoço, a sua barriga contra a minha coluna, as suas coxas sobre as minhas” (TORREGROSSA, 2010, p. 61).

Mas a mesma analogia com o sagrado, a personagem já nos havia revelado, no início do romance, ao relatar que cozinhar, para ela, também era um rito sagrado: “Cozinhar é algo que me relaxa, que me esvazia a alma, me acalma o coração e a respiração; como quando à noite eu recito o rosário, de joelhos na almofada, o olhar fixo na luz de uma vela, não penso mais em nada e depois me sinto bem” (TORREGROSSA, 2010, p. 25).

Nessa atmosfera de sacralidade da relação sexual, vale lembrar aqui as palavras de Eliade, ao afirmar:

É a hierogamia divina, que teve lugar *in illo tempore*, que tornou possível a união sexual humana. A união entre o deus e a deusa passa-se num instante atemporal, num eterno presente: as uniões sexuais entre os humanos – quando não rituais – desenrolam-se na duração, no tempo profano. Assim, sabemos que o tempo sagrado, mítico, funda igualmente o tempo existencial, histórico, pois é o seu modelo exemplar. Em suma, graças aos seres divinos é que tudo veio à existência. A origem das realidades e da própria vida é religiosa. (ELIADE, 1992, p. 79)

A partir da noção amplamente difundida de que a comida é um modo de comunicação, Hauck-Lawson desenvolveu o conceito de voz da comida. “Voz da comida emergiu como uma expressão que cristalizou os modos dinâmicos, criativos, simbólicos e altamente individualizados de como a comida serve como um canal de comunicação” (HAUCK-LAWSON, 1992, p. 6) A tal voz da comida faz uma alusão ao potencial da comida de ser um poderoso veículo para a manifestação de identidade, de significados, de cosmovisões. Ele aponta, também, o seu potencial de mudança, admitindo que a voz da comida pode ser uma forma de resolver conflitos e de propor mudanças. Esse conceito ressalta a comida como um modo de abordar outros temas, tais como gênero, tradição, o conceito de etnia, de harmonia, de discordância e de transitoriedade. A voz da comida de Anciluzza é uma voz que destaca, nessa perspectiva, o gênero e a transitoriedade.

Essa voz da comida fala sobre a satisfação de necessidades no domínio orgânico e sua consequência, a vida. De fato, Anciluzza luta para sobreviver ao seu novo estado de mulher abandonada pelo marido e pela satisfação de seus prazeres na cozinha e na cama, através de seus variados encontros amorosos. Ela constitui uma narrativa cotidiana da comida mais abrangente e estaria na base de outras narrativas, com as quais poderia se combinar de diferentes formas, tais como complementariedade, subordinação ou reforço (MALDAVSKY, 2003, p. 607-635). A voz da comida no romance pesquisado, por exemplo, conta histórias de estética, de doação amorosa e de oposição entre rotina e aventura, desenvolvidas em sequências de cenas específicas, juntamente com a narrativa relacionada, no fundo, à nutrição e à vida.

A alimentação, embora seja tida por muitos como uma prática não discursiva, em geral, é vista como uma ferramenta metafórica através da qual o sujeito escritor discursa sobre as relações sociais do contexto sócio-histórico-ideológico. Comumente, funciona como instrumento de sedução de personagens, denunciando as relações de poder entre os sujeitos mulher e homem.

O amor reside na fronteira do estético, como também a culinária. O corpo realiza certa fagia com relação a todos os ingredientes apresentados. Isso porque a autora migra algumas receitas da realidade para o livro. Para a autora, não há distinções claras entre amar e cozinhar. À medida que a narrativa se desenvolve, o seu corpo alimenta-se de tudo isso. Esse corpo (estético e empírico) é performático no sentido de que se coloca em ação e promove desdobramentos, é fluido. É pelos empréstimos que faz, em relação ao espaço, que a entidade mulher se configura e que um corpo feminino vai se formando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem & BAUER, Christian. *Está na mesa: receitas com pitadas literárias*. São Paulo: Papirus, 2005.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Cláudia Neves. São Paulo: Arx, 2004.
- BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. Campinas: Papirus, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *Le sens pratique*. Paris: Minuit, 1980.
- BRILLAT-SAVARIN, Anthélme. *A fisiologia do gosto*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: sistema totêmico na Austrália*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ESQUIVEL, Laura. *Íntimas suculências*. Trad. Ana Gabriella Villela P. de Macedo. Lisboa: Asa, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Theresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1999.
- HAUCK-LAWSON, Annie. Hearing the Food Voice: an Epiphany for a Researcher. Bowling Green: Bowling Green State University Press. In: *Digest: An Interdisciplinary Study of Food and Foodways*, v. 12, n. 1-2, p. 6-7, 1992.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia, empresa*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003.
- MALDAVSKY, David. A contribution to the development of a psychoanalytical methodology for research into language: a systematic study of narration as an expression of sexuality. London. *International Journal of Psychoanalysis*, nº 84, p. 607-635, 2003.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PRIORE, Mary Del. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.
- TORREGROSSA, Giuseppina. *L'assaggiatrice*. Soveria Mannelli: Rubbettino Editore, 2010.
- VERDIER, Yvonne. Pour une ethnologie culinaire. *L'Homme*. Paris: Éditions de l'HESS, Tome 9, nº 1, 1969, p. 49-57.

Recebido em 25.04.2013

Aceito em 17.07.2013